

BALDISSEIA, Rudimar (2000).

Comunicação Organizacional: **O treinamento de recursos humanos como rito de passagem**. São Leopoldo: UNISINOS, 118p.

A comunicação é um processo complexo que marca a existência do homem, das instituições e das organizações. A comunicação nas organizações é objeto da pesquisa e da atenção dos cientistas há relativamente pouco tempo. No Brasil é ainda rara a produção nesta área. Nestas circunstâncias, é uma contribuição de utilidade para o ensino, as organizações e os profissionais contar com o trabalho aqui resenhado.

A Apresentação do livro é assinada por Ione Bentz a qual começa por lembrar a importância da comunicação nas organizações como base de sua cultura. Considera o livro como um esforço de compreensão da comunicação no processo de treinamento de recursos humanos no âmbito das organizações.

Com o título de Preliminares, aparece uma breve orientação ao leitor sobre o livro, em que se busca esclarecer os procedimentos estratégicos tendo por base a comunicação como um processo de construção de sentidos e como elemento do processo cultural.

Comunicação Organizacional é o primeiro capítulo, que começa com a conceituação de organização, cultura e comunicação, trinômio de sustentação da obra. Notas de rodapé substantivas complementam o texto didático e claro, aliás elas estão presentes em todo o trabalho. Destaca a questão da imagem e da construção de significados face ao impacto das novas tecnologias que modificam "comportamentos e atos interpretativos dos indivíduos" (p. 27). A tecnologia tornou-se variável de grande poder, parece mesmo que está moldando o pensamento humano. Em seguida, trata do poder na organização enfocando do prisma de autores como Althusser e Foucault. Enfoca o interesse das organizações em atender aos funcionários quando isto também for conveniente para elas; em esclarecer e estimular os saberes de seus funcionários para melhor utilizar seus serviços. Há meios para ludibriar a ordem de poder estabelecida, o diálogo é um deles.

O capítulo seguinte apresenta o treinamento de recursos humanos como um processo simbólico, objeto

principal do texto. Os programas de Treinamento de Recursos Humanos (TRH) são empregados para suprir deficiências decorrentes da mobilidade (admissão, demissão, promoção), do avanço tecnológico e para potencializar as competências e habilidades dos funcionários; implica em uma relação complexa entre treinados e treinadores com implicações comportamentais importantes, resultantes do circuito de retroalimentação. Entra em jogo a cadeia de comunicações pela qual culturas diferentes a integram. Neste contexto, os líderes de opinião exercem papel interpretativo do grupo e têm um poder muito grande. O TRH acaba por ser visto "por seu valor simbólico e constitui um período especial para os funcionários e para a organização. Pensa-se, também, em compreendê-lo como rito de passagem, pois representa mudança para o funcionário, uma espécie de deslocamento entre um antes e um depois" (p. 62). Encaminha-se, desta forma, para o tópico seguinte - mitos e rituais.

Após um rápido apresentar da origem dos mitos e suas relações com os ritos, o texto é encaminhado para a problemática de TRH que se fundamenta nos "deuses momentâneos" e na concepção de que já não basta executar a atividade, é necessário fazê-la da melhor maneira possível e usando procedimentos adequados. Criam-se mitos e complica-se a situação. Faz uma leitura semiótica apoiando-se em clássicos como Barthes, Burkert, Jung, Rivière, mas falta um melhor entrosamento com o que ocorre no TRH, com demonstrações mais consistentes de suas proposições. Fica na generalidade sem um aprofundamento que se faz necessário. Falta vivência de TRH.

No tópico seguinte - Os treinamentos de recursos humanos como ritos de passagem - há um esforço para direcionar a discussão enfocando mais propriamente TRH. Retorna a concepção de etapas na vida passando por eventos especiais (ritos de passagem) que levam o indivíduo de uma situação determinada para outra igualmente determinada. As relações com TRH são lançadas sem uma análise profunda e detalhada tendo por base o treinamento, uns poucos parágrafos buscam

a relação para cada rito. Ainda que superficialmente o texto remete o leitor para possibilidades de aplicação da concepção de ritos de passagem ao treinamento aqui enfocado. A ênfase está na apresentação da concepção de que "o que importa é o que a organização deseja, o que ela exige deles (empregados), independentemente da própria vontade" (p. 110). Busca evidenciar que "a força dos poderes simbólico e político-econômico que se exercem sobre os trabalhadores, de modo especial, sobre os treinados, bem como o fato de que nas relações de força, sob a perspectiva do poder ser relacional e circunstancial, o conhecimento e o uso estratégico de um pólo faz das informações referentes às codificações de pólo que se opõe permitem que se localize focos de resistência e, também, as fissuras, para desestruturar por vezes, de forma imperceptível, a força contrária" (p. 110).

Fechando o livro, aparece Pós-liminares. Em poucas páginas é feita uma síntese de pontos relevantes tratados ao longo do texto: a relevância e ciência que as

organizações têm do valor das informações; a força da cultura organizacional; o uso do TRH e os mitos associados; os ritos de passagem e o TRH. Há necessidade de estudar questões como: o uso de "blefe"; a comunicação não-oficial e as práticas comunicacionais.

A bibliografia é essencialmente teórica, quase que exclusivamente constituída por livros (muitos clássicos) com origens ideológicas, políticas, semióticas e lingüísticas. Quase não aparecem obras específicas da área organizacional, administração e outras pertinentes.

Trata-se de um ensaio bem redigido em que a trama discursiva é conduzida pelo autor como um único caminho ou visão possível do problema. Não há dúvidas, a certeza é marca do discurso. É um discurso em que o poder tem destaque especial.

Geraldina Porto Witter
UMC / PUC-Campinas

POST, A. D. V., Scott, M. S. & Theberge, M. (2000).

Celebrating Children's choices. Newark: IRA, xiii + 238 p.

A escolha de livros para compor o acervo de bibliotecas infanto juvenis, para apresentar uma criança ou indicar-lhe como leitura acadêmica ou de lazer é uma tarefa complexa, relevante e que requer muito cuidado uma vez que pode influir na formação do leitor e do cidadão.

Nestas circunstâncias, não é de estranhar que há muito tempo pesquisadores e educadores estejam preocupados com este tema e que tenham surgido nos países mais avançados pesquisas sistemáticas realizadas periodicamente, até mesmo anualmente, para verificar a motivação da criança e de adolescente em relação aos textos literários elaborados para eles. Deste empenho surgiram regularmente livros que apresentam os resultados dos levantamentos, resumos dos livros, temática etc.

Um dos projetos mais antigos e duradouros instituído para atender ao crescente uso da literatura na escola e no lar é o Children's Choice Project. Trata-se de empreendimento que em 2000 completou 25 anos, promovido pelo Children's Book Council (CBC) e a International Reading Association (IRA), realizado nos USA, baseado em pesquisa anual com 10.000 crianças que resulta em uma lista dos 100 livros preferidos por elas. É um rol estabelecido apenas por crianças, ao que se sabe, o único existente que apresenta esta característica.

O livro aqui resenhado foi editado em comemoração aos 25 anos muito produtivos do projeto citado.

Na Introdução (Capítulo 1) os autores retomam rapidamente a origem do projeto e sua história, uma parceria (CBC/IRA) que começou em 1999, implicando em muitas pesquisas, envolvendo cinco equipes que investigam mais de 700 títulos que são apresentados às crianças que escolhem os 100 melhores, respondendo se gostaram ou não do livro. Os resultados são apresentados em livro-catálogos que constituem ferramentas úteis aos bibliotecários, pais, professores, diretores, pesquisadores e aos leitores infanto-juvenis. Ao longo dos anos o processo de pesquisa foi se

aperfeiçoando e uma das possíveis conseqüências foi o aumento da pesquisa com textos literários na escola. Ampliou-se cada vez mais a participação das crianças até que na década passada passou a viabilizar uma seleção feita inteiramente pelas crianças.

A presente obra apresenta uma seleção dos títulos apresentados ao longo do período, ficando com alguns dos anos 70 (os que ainda são populares), poucos dos anos 80 e a maioria dos anos 90. Muitos foram agrupados em capítulos por temática ou nível de escolaridade em que melhor podem ser aproveitados.

Os autores manifestaram a esperança de um processo cada vez melhor para este tipo de trabalho. Todavia, vale lembrar que, em países como o Brasil, nada de similar surgiu até o presente. Seria um grande avanço e melhoria sensível da qualidade de ensino e da formação de leitores se fosse possível contar com trabalho similar na realidade brasileira. Certamente é um produto que demanda pesquisa ampla, bem feita, envolvendo equipes grandes, experientes e financiamento. É imprescindível um trabalho interdisciplinar.

O capítulo seguinte enfoca o uso da literatura infantil no currículo acadêmico e no lar, especificando referencial e base de pesquisa para as atividades sugeridas e procura demonstrar a relevância da lista para atender aos objetivos educacionais, além de trazer sugestões para a pesquisa. Os tópicos enfocados são: importância de uso da literatura infantil; sua relação com as diversas áreas de conteúdo acadêmico, a revolução em curso; a integração do ouvir-falar-ler-escrever; a importância do falar e discutir; a relevância da literatura infantil; seu uso com aprendizes de risco; a sociedade de gêneros literários; afetividade e atitudes na leitura...

Os capítulos subsequentes trazem os principais livros selecionados ao longo dos 25 anos. O Capítulo 3 apresenta livros a serem usados com crianças pequenas. De cada obra, como nas listas convencionais do projeto aparecem: referência, síntese e sugestões de atividades que podem ser feitas a partir do livro. Desta feita há

acréscimos apreciáveis. São referidas pesquisas e narradas vivências de docentes e alunos usando a obra. Aparecem sugestões de exercícios que foram testados, sugestões de pesquisas e formas de integração com as diversas disciplinas do currículo. São muito interessantes e mereceriam pesquisa para verificar como funcionariam na realidade brasileira. Muitas das sugestões aplicam-se para uso em sala de aula, em clubes de leitura, em jogos em casa, na hora do conto em bibliotecas infanto-juvenis.

O Capítulo 4 apresenta os dados relativos ao uso de livros com leitores dos graus intermediários do ensino fundamental (3º e 4º). Mantém a mesma estrutura de informação do capítulo anterior com natural enriquecimento e maior complexidade nas tarefas propostas e testadas.

O Capítulo 5 é dedicado aos leitores que estão na ou já superaram a 5ª série. Entretanto, vale manter presente que, como os autores destacam, a relação por séries não quer dizer que sejam mutuamente exclusivas, um livro pode ser usado em muitas séries, cabe ao professor aproveitar criativamente a versalidade que os

mesmos apresentam. No capítulo destinado aos leitores mais experientes foi mantida a estrutura geral, mas as atividades implicam em maior independência por parte dos sujeitos leitores e maior integração com as diversas áreas do conhecimento.

O último capítulo tem um título muito sugestivo: Plante uma semente - Leia!. Começa com uma poesia de Myers muito pertinente, usada em um dos marcadores de livro do Children's Book Council. É uma inspiração para a leitura. Em poucas palavras fecha o livro com a manifestação da esperança de que o mesmo estimule outros leitores.

As referências são ricas, pertinentes, algumas históricas, como é de se esperar em obra comemorativa, mas a maioria é atual e muitas são artigos ou capítulos narrando pesquisas.

É uma obra de grande valor para quem quer que se interesse pela leitura no lar, no ensino fundamental, na formação do leitor e na formação do cidadão.

Geraldina Porto Witter
UMC / PUC-Campinas

ALMEIDA, Maria do Rosário Guimarães.

Literatura cinzenta : teoria e prática. São Luis, Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, 2000. 174 p; 22 cm. ISBN 85-85048-17-4.

Na América Latina e no mundo hispano-americano, poucos textos (para não dizer nenhum) têm tomado como objeto de estudo a literatura gris. Por isso, é surpreendente encontrar um livro inteiramente devotado a desvelar o mistério que envolve o mundo da produção e consumo dessa literatura. Para se ter uma idéia da importância que essa literatura tem no processo de comunicação científica contemporânea, basta lembrar que em 1993 realizou-se o primeiro *Congresso Internacional de Literatura Cinzenta*; o quarto realizou-se em Washington, D.C., USA, de 4 a 5 de outubro de 1999, e o quinto está planejado para realizar-se neste ano em Paris, França. Também a MCB University Press, em Bradford, Inglaterra, lançou em novembro de 2000 o primeiro volume do periódico on-line *International journal on grey literature*, que pode ser consultado em <http://www.mcb.co.uk/ijgl.htm>. Não obstante, no mundo anglo-saxão, este tópico não tem estado ausente, tanto que em anos recentes têm-se editado algumas bibliografias e fontes de informação. Por exemplo, no ano passado Dominic John Farace publicou a quarta edição de sua *Annotated bibliography on the topic of grey literature (Amsterdam, Holland : GreyNet, Grey Literature Network Service, 2000)*. Em 1999, ela mesma publicou a quarta edição de sua *International guide to persons & organizations in grey literature (Amsterdam : GreyNet, Grey Literature Network Service, 1999)*. Também Charles P. Auger publicou em 1998 *Information sources in grey literature (London; New Providence, NJ. : Bowker-Saur, c1998)*.

A autora deste livro, Maria do Rosário Guimarães Almeida, obteve seu doutorado em Ciência da Informação na Universidade Complutense de Madrid, voltando para se dedicar à docência na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís: O livro leva um prefácio elaborado por Emilia Currás e a apresentação, nas orelhas do livro, é de Antonio Miranda. Ambos destacados profissionais e docentes em exercício na área da ciência da informação na Espanha e no Brasil, respectivamente.

O livro está dividido em sete capítulos. O primeiro, *Conceitualizando a literatura cinzenta*, apresenta considerações relevantes sobre esse tipo de literatura, seus conceitos e os intentos para defini-los. Oferece seis quadros com as classificações e tipologias sobre essa literatura, suas características, a geração, divulgação, e a chamada literatura gris hipertextual, como uma forma comum e corrente no mundo eletrônico na era da Internet. *A literatura cinzenta no contexto europeu* é o tema central tratado no segundo capítulo. Ali descrevem-se as normas e padrões estabelecidos para o tratamento e a divulgação internacional dos produtos e serviços oferecidos pelos centros organizados para coletar, armazenar e divulgar esse tipo de literatura. Descreve-se sumariamente o SIGLE (Sistema de Informação da literatura cinzenta na Europa), criado em 1978 durante o seminário de York. Este sistema mantém um Web em <http://www.fiz-karlsruhe.de/stn/Databases/sigle.html>. Também são muito bem descritos o BLDSC (Centro de Empréstimo de Documentos da Biblioteca Britânica), com endereço eletrônico em <http://www.bl.uk/services/bsds/dsc/>, o INIST (Instituto Nacional de Informação Científica e Técnica), dependente do Centro Nacional de Pesquisa Científica, na França, criado em 1988 e com endereço eletrônico em <http://www.inist.fr/>. Também oferece informação sobre o CINDOC (Centro de Informação e Documentação Científica), que pode ser visitado em <http://www.cindoc.csic.es/>, e a FUNDESCO (Fundação para o Desenvolvimento da Função Social das Comunicações), ambos na Espanha. Por ultimo, descreve a OPOCE (Oficina de Publicações Oficiais das Comunidades Européias), localizada em Luxemburgo.

O terceiro capítulo está dedicado a analisar *a literatura cinzenta nos Estados Unidos*, onde basicamente descreve o NTIS (Serviço Nacional de Informação Científica e Técnica) e seu *modus faciendi*. Este sistema, criado em 1970, mantém um fundo documental que chega a três milhões de documentos. O quarto capítulo está dedicado ao **GREYNET**:

comunicação e pesquisa da literatura cinzenta. Criada na primavera de 1992 foi formalmente estabelecida em Amsterdã em 1993, por ocasião da Primeira Conferência Internacional sobre Literatura Cinzenta. Suas atividades, publicações editadas e sua política de desenvolvimento de coleções estão adequadamente descritas. Pode ser visitada no seguinte endereço <http://www.greynet.net>. O quinto capítulo *Visão panorâmica da literatura cinzenta no Brasil*, elaborada através de entrevistas, levantamentos bibliográficos e visitas técnicas a diferentes entidades, oferece uma lista de 13 instituições que gerenciam literatura cinzenta, abrangendo as áreas de saúde, administração pública, direito, política, meio ambiente, energia nuclear, agricultura, ciência e tecnologia. Descreve o marco histórico da criação, os produtos e serviços oferecidos, em cada uma destas instituições. O último capítulo está dedicado a sugerir a criação e organização de um sistema de gerenciamento da literatura gris no Brasil, no modelo do SIGLE. Um sistema que abra suas portas aos países do Mercosul e que participe do Programa Geral de Informação da UNESCO e da FID (Federação Internacional de Documentação). Descreve os objetivos e a possível estrutura administrativa deste sistema. Finalmente,

oferece uma série de sugestões e uma extensa lista da bibliografia consultada.

Literatura cinzenta : teoria e prática é um livro de leitura obrigatória para todos aqueles intrigados com a escassa atenção com que nossos governantes e planejadores de políticas de informação tratam os problemas relacionados à literatura cinzenta, e sua importância nos sistemas de informação e documentação científica contemporânea. Também é um texto que deveria ser livro de cabeceira de professores e estudantes de Biblioteconomia e Ciência da Informação, mas, sobretudo é um texto que deve ser adquirido, lido com atenção por aqueles que são responsáveis pelo desenvolvimento de coleções nas bibliotecas especializadas, públicas e universitárias, e incorporado às coleções dessas bibliotecas.

Rubén Urbizagástegui Alvarado

Bibliotecário associado
Universidade da Califórnia, Riverside
Riverside, CA, 92517-5900
USA
Ruben@ucr.edu

LEITURAS, Rev. Bibl. Nac. Lisboa, S.3, n.5, out. 1999 - abril 2000

Duas ocorrências numa mesma semana, por coincidência ou, como quer Jung, por sincronicidade, colocaram-me frente a um campo de estudos que já me fascinava mas que eu não conhecia pelo nome que hoje recebe nos meios literários: a crítica genética, que visa seriar e interpretar os sucessivos estágios de construção de uma obra, isto é, descrever como decorreu o ato de criação de um texto, para isto avaliando os rascunhos, anotações preliminares, o texto impresso e as correções e modificações feitas de uma edição para outra (pré-textos, textos, pós-textos e paratextos). A primeira ocorrência foi a realização, de 19 a 21 de setembro/2000, do colóquio internacional intitulado "A invenção do arquivo literário", realizado na UFMG e coordenado pela Coleção Archivos da UNESCO e pelo Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG. Durante os três dias do Encontro convidados da UFMG e de outras instituições nacionais e do exterior debateram questões fundamentais da crítica genética - a preocupação prioritária com o texto na sua integridade e na sua dinâmica com outros textos; a materialidade das fontes primárias da literatura e o impacto das novas tecnologias sobre o texto (original) literário; e ainda, a preservação dos acervos literários sob a guarda de arquivos, bibliotecas e outras instituições culturais. Maria da Glória Bordini, palestrante convidada, discorrendo sobre o trabalho pioneiro do Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS, ressaltou a necessidade de se trabalhar com equipes interdisciplinares, citando a Biblioteconomia e a Arquivística, além de vários outros campos de estudo.

Como professora de Biblioteconomia, interessada em acompanhar o desenvolvimento de saberes e disciplinas que de alguma forma se entrecruzam na rota do bibliotecário saí, no último dia do Colóquio, entusiasmada com a possibilidade de integração entre aquela área em debate e a Biblioteconomia em alguns de seus aspectos/abordagens/ disciplinas como, por exemplo, a Bibliografia, a Formação/Desenvolvimento e Preservação de Acervos, a História da Leitura, a Sociologia de Textos e a Bibliofilia.

Aconteceu, pois, neste mesmo dia, a segunda ocorrência, que é o motivo desta resenha. Num dos

meus prazerosos (e anacrônicos?) passeios pelas estantes da biblioteca da Escola de Ciência da Informação da UFMG caiu-me nas mãos um exemplar recém-chegado da revista LEITURAS, da Biblioteca Nacional de Lisboa, centrado no tema Arquivística Literária e Crítica Textual. Deliciada com a coincidência entre o encontro casual deste número temático e a minha recente aproximação com aquele campo de estudos, realizei, entusiasmada, a leitura de todo o volume que documenta as comunicações apresentadas no Encontro Internacional de Arquivística Literária e Crítica Textual, realizado em Lisboa, em junho de 1999. Primeira constatação importante, já na leitura do Prefácio: se no plano pessoal posso chamar de coincidência a seqüência dos dois fatos que aqui relato, na realidade não há casualidade na realização do evento em Portugal, seguido, num período de menos de um ano de encontro semelhante em Belo Horizonte. Na verdade, os dois eventos fazem parte de um movimento em curso há cerca de uma década em nível internacional, voltado para a questão da memória e do patrimônio histórico, cultural e artístico, e que vem tomando forma através de iniciativas, ações e intervenções envolvendo instituições públicas e privadas. Neste sentido, salvo melhor juízo, quer me parecer que a integração possível entre este campo e a Biblioteconomia e a Ciência da Informação no Brasil ainda não está consolidada da forma desejável, a se julgar pela presença rarefeita de bibliotecários no Encontro de Belo Horizonte.

No que se refere ao número da revista LEITURAS, objeto específico desta resenha, há excelentes depoimentos abordando, sobretudo, os problemas metodológicos e éticos que envolvem a existência e o destino de acervos literários. Mas, como partem de perspectivas diferenciadas, conforme se trate do olhar do escritor, do crítico literário, do bibliotecário ou do editor, a editoria buscou um fio condutor que facilitasse uma leitura orgânica dos textos reunindo-os em quatro seções designadas: CRIAR E ESCREVER, COLECIONAR E ORGANIZAR, REFERENCIAR E DISPONIBILIZAR e LER E EDITAR.

Na primeira seção. **Criar e Escrever**, três escritores portugueses relatam seu processo de criação. Tais depoimentos, às vezes penosos, por significarem

uma revelação demasiado íntima sobre um produto em gestação, mostram-se importantes para esta corrente da crítica textual que volta a valorizar a figura do autor, tomado como personagem da construção de seus textos. Enquanto vivos, guardiões, eles próprios, do seu mundo de construção ficcional, os autores se manifestam às vezes com descaso, outras com repugnância, ou ainda com excessivo zelo sobre esta possibilidade do devassar póstumo do seu trabalho de confecção textual. Neste último caso, cientes da importância desse material para uma futura avaliação de seu percurso literário, podem iniciar em vida, eles mesmos, um trabalho de classificação de suas obras, o que, de certa forma, facilita o trabalho futuro dos arquivistas literários. Entretanto, trabalhar com os espólios, ou seja, com tudo o que sobreviveu à própria ação do escritor e ao (des)interesse de seus familiares - rascunhos, anotações, correspondências, souvenirs, edições corrigidas etc., - nem sempre é tarefa fácil para organizadores e pesquisadores. É preciso rever a questão levantada por Antônio Braz Oliveira no artigo "Arquivística Literária em perspectiva": Quem são os "herdeiros dos espólios literários?" "Tais acervos" responde o próprio Oliveira, "na sua complexa textura, constituem uma valiosa parcela, particularmente frágil e sutil do patrimônio comum conservados em instituições que (nem sempre sem problemas) os recebeu, guardou e cada vez mais procura divulgar, para proveito de estudiosos e investigadores das mais diversas áreas do conhecimento". Desse modo, uma vez doados ou vendidos a instituições públicas ou privadas os espólios literários pertencem à sociedade em geral, herdeira de todo o patrimônio cultural da humanidade. Aos estudiosos - arquivistas, bibliotecários, historiadores da literatura e críticos literários cabe, no dizer de Oliveira, não apenas a preocupação de divulgar a existência desses acervos, mas, sobretudo, a tarefa de estabelecer critérios para a sua ordenação, descrição, disponibilização e preservação.

São os passos deste percurso diferenciado e complexo que aparecem nos depoimentos da segunda parte da revista, **Colecionar e Organizar**. Duas questões interligadas, de ordem ética e metodológica, perpassam esses textos, indicando a preocupação dos responsáveis pela organização da memória literária contemporânea em seguir (às vezes criar) critérios éticos e técnicos para melhor respeitar a vontade de quem a legou. Ou, nas palavras de Carlos Reis, da Biblioteca Nacional de Lisboa "...os escritores e pensadores que um dia esboçaram, emendaram, cancelaram e reescreveram com ardor e pertinácia serão conhecidos e valorizados com maior profundidade se um dia, em condições previamente estabelecidas, os seus papéis forem

estudados com o método e com a preocupação deontológica que um tal estudo convoca". Carlos Reis acredita que é nas bibliotecas e nos arquivos que se encontram (ou devem se encontrar) as metodologias e o pessoal especializado capaz de executar tal tarefa. Neste sentido, alerta por sua vez a docente/investigadora portuguesa Teresa M. Marques, o trabalho do crítico genético demanda prudência e atenção para não se cair na tentação de tomar decisões que não lhe dizem respeito. Duas atitudes são perigosas diante da tarefa de organizar um acervo: de um lado a tentação de "mudar", mais do que "arrumar", palavras que pressupõem atitudes eticamente muito diferentes; e a atitude contrária, igualmente nefasta, que se dá pela sacralização dos restos, considerados relíquias, transformados em objetos-fetiche. T.M. Marques conclui, de forma contundente que, numa época como a atual, de limites indefinidos entre o que é de interesse público e o que deve ser mantido no domínio do privado, trabalhar com espólios, de maneira ética, significa remar contra a maré, preservando a nossa dignidade (do pesquisador), ao mesmo tempo que ajudamos a preservar a dos outros (do personagem em estudo).

A preocupação com o método levanta a necessidade, antes de mais nada, de uma "harmonização" terminológica, mais do que uma normalização propriamente dita para o campo da crítica genética. É esta a visão de Luís Cabral, da Biblioteca Municipal do Porto, para quem espólios, autógrafos, acervos literários, coleções, fundos, núcleos, são expressões diferentes mas compatibilizáveis no seu conjunto. Já o Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS, importante núcleo da crítica genética no Brasil, representado nos dois encontros, o de Lisboa e o de Belo Horizonte, por Maria da Glória Bordini, já citada, optou pelo termo **acervos literários** para delimitar a especificidade de seu projeto de preservação da memória literária da região sul do país, mais adequados, neste caso, que **espólios** ou **arquivos**. Os documentos que compõem espólios, acervos ou arquivos são, de qualquer maneira, objetos materiais e intelectuais, afirma Grésillon na comunicação "Le commerce avec les manuscrits: conservation ou recherche?", que permitem explorar cientificamente este precioso patrimônio conservado nas coleções, bibliotecas e arquivos literários. A chamada pesquisa genética, diz ainda Grésillon, seria impossível se, de um lado, a coleta, a guarda e a conservação, e de outro, a restauração e a publicação destes papéis, constantemente ameaçados de destruição não estivessem garantidos. Desta afirmativa pode-se inferir a interdisciplinaridade presente no trabalho da crítica genética, mobilizando saberes, campos e metodologias tão diversos quanto os da história e crítica literária, história cultural, semiótica,

antropologia cultural, editoração, informática, conservação de documentos, arquivística e, ainda, da biblioteconomia em diferentes abordagens.

Uma preocupação presente nos artigos da terceira seção, **Referenciar e Disponibilizar**, refere-se à (falsa) dicotomia conservação/uso dos documentos autógrafos, já que toda manipulação implica virtualmente numa ameaça ou agressão aos mesmos. O pesquisador da crítica genética, consciente da necessidade de proteger os manuscritos originais, luta em favor da sua substituição, seja qual for o suporte - fotocópia, microfilme, videodisco, CD-ROM ou disco ótico - embora não possa deixar de reivindicar, em certas etapas do seu trabalho, o acesso ao original, objeto único, que perde parte de suas características materiais quando sua mensagem é reproduzida, ainda que com fidelidade quase perfeita, como no caso das imagens computadorizadas.

Mais paradoxal do que esta relação conflituosa entre conservar e usar, guardar e disponibilizar é o fato de que a crítica genética, com a importância que coloca nos pré e pós-textos se constituiu ao mesmo tempo em que apareciam os primeiros editores de texto no computador, que implicam na ausência de rascunhos e correções visíveis. No momento mesmo em que escrevo esta resenha tenho notícia (Isto É/1601, 7/6/00) de que o jornalista e escritor Mário Prata optou por ser visto pelo mundo todo enquanto escreve o romance "Os anjos de Badaró". Aos interessados basta acessar **marioprata.terra.com.br** e poderão acompanhar o autor em pleno processo de criação até 25 de novembro de 2000, quando ele entrega o material para ser publicado pela editora Objetiva. Não sabemos se termina neste momento o processo de criação/leitura virtual, resultando um produto acabado, sem vestígios, ou se o autor conservará "a estrutura complexa na qual arquivos, crônicas e dados pessoais se confundem com a biografia imaginária das personagens, criadas conjuntamente por Prata e seu filho Antônio, peça-chave no projeto, pois é ele quem entende de Internet" segundo o texto da revista Isto É. Com certeza essas novas possibilidades serão incorporadas pela crítica genética, ao invés, de se associar o seu fim, como campo de pesquisa, ao fim dos rascunhos manuscritos.

No fundo, pensa Grésillon, citado acima, é o olhar do pesquisador que deverá mudar. Banalizada como ferramenta de escrita, a informática deverá ser

mais explorada como ferramenta de pesquisa, dada a sua capacidade de estocagem e de memorização, capaz de transformar em imagem todos os passos da criação. Em outras palavras, a informática facilita a tarefa de interrogar, reativar a todo instante, comparar e ler simultaneamente a enorme quantidade de dados e imagens que o pesquisador recolhe e separa nas diversas fases do seu trabalho de crítica. Para a pesquisa genética, é ainda Grésillon que afirma: isto significa um progresso sem precedentes, que permite criar bases de dados e edições hipertextuais de toda ordem. É sob esse aspecto que o Projeto MALVINE (Manuscripts and Letters via integrated networks in Europe), apresentado na terceira seção de LEITURAS, desempenha um papel exemplar, permitindo ao pesquisador não somente verificar rapidamente onde o manuscrito está localizado, como poder fazê-lo aparecer sobre a tela e como integrá-lo a outros dados textuais.

No espaço brasileiro está em curso a formação de uma rede digital de informações provenientes dos acervos, arquivos e espólios literários do país, projeto criado e gerenciado pelo Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS, e que já inclui os acervos de Henriqueta Lisboa e Murilo Rubião. sob a guarda da Biblioteca Central da UFMG. Os recursos hipertextuais, portanto, ampliam as possibilidades da crítica genética, podendo-se representar a dinâmica dos processos da escrita, mostrá-la como memória viva, ao contrário do suporte papel, limitado pelo aspecto eternamente bidimensional da página. "A informática oferece uma ferramenta que permite navegar no espaço do pré-texto ao texto, com suas edições sucessivas /.../ como se o atelier do artista se reconstruísse a cada momento sob nossos olhos, diz Grésillon.

Por fim, na quarta e última seção chamada **Ler e Editar**, discutem-se as necessidades e possibilidades de realizar-se edições críticas de diferentes autores, contemporâneos ou não. Relatos interessantes de edições críticas de escritores portugueses nos lembram que este tipo de edição continua relativamente raro no Brasil (Emanuel Araújo fez essa afirmação em 1986, em "A construção do livro" e pouca coisa mudou, desde então). Sendo um dos produtos notáveis da crítica genética há aí, na edição crítica, um amplo espaço de atuação conjunta com a bibliografia descritiva que, segundo me parece, ainda não foi devidamente explorado pelos bibliotecários, até mesmo como tema de dissertações e teses. Fica a sugestão.

A Guide to Economic and Cost Benefit Analysis for Information Professionals Kingma, Bruce R., Economics of Information. USA; Libraries Unlimited Inc., 1996, 200p

O interesse pelo estudo e a compreensão da Economia da Informação têm aumentado com a dificuldade dos recursos disponíveis na sociedade. O ideal do fluxo grátis de informação começou a ser repensado quando esta atividade como um todo passou a competir por recursos escassos com a educação, a saúde, habitação etc.

A partir da crise do petróleo em 1973 e da recessão, que se seguiu em um mundo pré-globalizado, a atividade de informação teve de incluir em suas prioridades a confecção de um orçamento, instrumento angustiante para os profissionais da área, pois tradicionalmente não se importavam com a coleta metódica de dados contábeis, uma vez que o fluxo era e deveria ser livre nos dois sentidos : de barreiras e financeiramente. Assim começou a preocupação com a chamada economia da informação em nossa área. Como toda metodologia de análise e arcabouço teórico emprestado sofre da síndrome da disjunção: ou o analista era um profissional da informação sem conhecimento suficiente de economia ou um economista sem perceber os diferentes meandros do fenômeno da informação.

Isto me parece é o que acontece com o livro de Bruce Kingma economista da Universidade de Nova York em Albany. Os escritos de Kingma focalizam os aspectos microeconômicos da informação e o seu mercado.

É aí que acontece o primeiro desencontro da informação com a economia, pois Kingma parte para a sua análise sem questionar ou definir o **tipo de mercadoria** que irá estudar.

A informação - se assim for considerada - é uma mercadoria de condições muito especiais, que a diferenciam completamente das demais mercadorias. É uma mercadoria simbólica, sujeita a interação subjetiva e individualizada de cada consumidor. Não é escassa, é abundante, não se torna propriedade de quem a consome como os demais produtos, não possui unidade de medida bem definida, não é na maioria das vezes homogênea

em conteúdo, não se acaba com o consumo, e o valor de uso, de uma mesma peça de informação, varia entre seus consumidores potenciais, o que ocasiona uma desunião com o seu custo e com o seu preço.

Estas são condições iniciais, indispensáveis ao estudo da economia da informação. Bruce Kingma não definiu de início, com propriedade o seu objeto de estudo, daí toda análise subsequente tornou-se inadequada. Sua análise marginalista e de mercado está basicamente feita utilizando livros, não considerando o conteúdo, mas como a base física da informação.

A sua análise da oferta e demanda de informação e seu mercado ao não observar os constrangimentos da mercadoria que estuda não tem muito valor. O mercado de informação possui características que lhe são peculiares, pesquisas anteriores nos permitem indicar que na ambiência da informação é a **oferta que determina a demanda por informação**.

Esta afirmação em si não é de todo original. Em 1976 Dr. **URQHART**¹, idealizador da **British Lending Library** em Boston Spa, na Inglaterra, indicava que:

"Estas propostas vêm de uma fonte que acredita implicitamente no homem econômico e no conceito de que demanda cria oferta. A ausência de qualquer resultado útil, nas tentativas anteriores de pesquisa econômica da transferência da informação, sugere que os testes básicos dos economistas não se aplicam a este campo (Ciência da Informação). **A posição parece indicar que o homem da informação substancialmente diferente do homem econômico. Sem dúvida ele vive em um mundo onde oferta pode criar demanda**".

A grande contribuição da presente publicação está em seu sumário, onde estão relacionados alguns dos principais tópicos do que seria uma economia da informação: teoria do consumidor e a **demanda** do mercado; Os Custos do produto e a oferta; a eficiência

⁽¹⁾ Urqhart, D.J., Economic Analysis of Information Services, J. Doc., v.32, n 2 , pp123-25.

econômica; a informação como mercadoria e como bem público; análise do custo benefício. Contudo, estes temas não devem seduzir possíveis leitores, pois o tratamento da questão e o conteúdo não estão adequados.

Afirmo com segurança que esta não seria uma leitura que eu recomendaria aos meus alunos em um curso de economia da informação.

Aldo de Albuquerque Barreto

Kress, G. (1997). **Before writing - rethinking the paths to literacy**. London: Routledge, xii + 175p.

Kress é um estudioso da comunicação, da imagem. Leciona inglês e educação na University of London, estando interessado também na aquisição da leitura e da escrita, para cujo estudo pretende trazer um novo olhar, o da comunicação, com o presente livro. A obra apresenta além do sumário, listas de figuras e pranchas, um prefácio (escrito pelo próprio autor), índice de autores e conteúdo, facilitando a consulta.

No Prefácio procura situar a problemática da educação e da alfabetização num contexto que está passando por rápidas mudanças e no qual há o compromisso de preparar jovens e crianças para o que irão encontrar daqui a 20 ou 30 anos. Todavia lembra que para a criança persistirá o problema de dominar o mundo impresso. O livro foi escrito para qualquer pessoa interessada em alfabetização, como uma forma de repensar a questão.

Num dos últimos capítulos retoma o uso das palavras usadas para representar a aquisição da leitura e da escrita. Só o inglês tem **literacy**, as línguas românicas usam **alfabetização**. O francês e outras línguas têm termos próximos como **lettre** mas para indicar o produto constituído por letras (texto escrito). Em Português do Brasil, lembra o Autor, criou-se **letramento** e em alemão **literarität** para indicar as versões de escrita. Pessoalmente, embora na língua inglesa **literacy** implique usualmente no processo de aquisição de leitura e escrita, no seu livro o vocábulo passa a indicar representação por **letras ou representação escrita**, para os produtos e seus usos. Assim sendo, nesta resenha, mantendo-se a posição do Autor resenhado, deve-se entender alfabetização neste sentido de representação da escrita.

Os principais pontos que o autor procura tratar no livro são: "(a) não podemos entender como a criança encontra sua forma de escrita se não entendemos os princípios pelos quais ela atribui significado" (p. xvii); (b) ela o faz de muitas formas; (c) as diferentes formas pedem engajamentos diferentes com o mundo; (d) os sentidos têm relações específicas com o pensamento; (e) inconscientemente passa-se de um para outro meio (sinestesia) e (f) "em um novo mundo econômico e de comunicação, pode-se dizer que tudo isto será um

conjunto de requisitos essenciais para seres humanamente produtivos do prisma cultural, social e econômico, para terem vidas plenas" (xviii).

O livro é constituído por oito capítulos, de leitura agradável, em que apresenta uma concepção pouco difundida no exterior e muito menos no Brasil, ou seja, a alfabetização ou letramento do prisma da teoria da comunicação.

O primeiro capítulo enfoca a alfabetização no contexto contemporâneo, em que a informação chega às pessoas sob várias formas, são em volume crescente e requerem habilidades diversas para serem assimiladas e produzidas. Esta situação precisa ser considerada no repensar a alfabetização, a qual tem sido vista do prisma da lingüística, da história, da antropologia, da educação etc. mas precisa ser enfocada como meio de comunicação, pelo qual a criança expressa seus símbolos, desejos, emoções, isto é, constrói significados. Uma teoria semiótica da representação pode contribuir para ver a alfabetização.

No Capítulo 2, enfoca a construção de significado recorrendo a vários meios (desenho, brinquedo, escrita), considerando também a relação real-imaginário, retomando a relevância da sinestesia ou expressão de várias formas.

No capítulo seguinte retoma algumas idéias comuns e em debate sobre a leitura, sem grandes contribuições, mas buscando inserir sua proposta de estudo nestes confrontos teóricos.

Segue-se uma descrição dos primeiros envoltimentos da criança com o impresso, com as letras como um complexo sistema de sinais: a criança desenha o impresso de acordo com sua perspectiva do mundo impresso. Continua no capítulo seguinte expondo uma teoria de como a criança constrói o significado, sendo fundamental sua motivação, relevante a habilidade de transformação e para apresentação de várias formas até chegar à leitura. Neste quadro interlaçam-se imaginação, cognição e afeto.

A alfabetização e as teorias de linguagem é a temática do Capítulo 6, mas apenas a teoria chomskyana é de fato enfocada com destaque para suas limitações.

No capítulo seguinte, o ensino-aprendizagem da alfabetização (no conceito assumido pelo Autor) é objeto de consideração, com análise do currículo de alfabetização.

O último capítulo enfoca o Futuro. Composto por considerações e proposições do que irá ocorrer com o possível impacto crescente da vida social sobre o currículo. O currículo precisa claramente voltar-se para o futuro, para a sociedade em que a criança vai viver, uma sociedade cada vez mais visual, os textos também serão cada vez mais visuais (CD-ROM, Hipertexto, Internet). Novas habilidades precisam ser desenvolvidas, novas metas propostas. Propostas mais específicas e objetivas o leitor não vai encontrar, mas certamente o Autor abre caminho para repensar o currículo.

Os capítulos são ilustrados com exemplos de trabalhos feitos por crianças, bem aproveitados e interpretados de acordo com o referencial proposto pelo Autor.

Ciente de que sua proposição é nova acrescenta as fontes e contextos em que o livro foi escrito, com as

influências recebidas, sob a forma de um fecho para seu trabalho. É quase uma auto-análise do produto e das influências recebidas.

A Bibliografia referida é pobre e predominantemente antiga (mesmo para comunicação) assim o Autor ignorou muito da produção, mesmo em termos de comunicação. Sua base são livros e a pesquisa viva e expressa nos periódicos não teve espaço em suas considerações. Mas retoma alguns clássicos como Barthes, Bruner, Chomsky, Halliday, Piaget, Peirce, Saussure e Vygotsky, mais para indicar-lhes as limitações do que para assimilá-los em sua leitura da alfabetização ou descrever como e em que contribuíram para o conhecimento da área.

O livro merece ser lido e discutido pelos que trabalham com as questões envolvendo a aquisição da leitura-escrita, o currículo subjacente e explícito em que o processo de ensino-aprendizagem ocorre.

Geraldina Porto Witter
PUC-Campinas